

PSICODIAGNÓSTICO FENOMENOLÓGICO

Jessica Griep <jessicagriep@hotmail.com>;
JESSICA THUROW GRIEP¹; MARTHA MEDEIROS GOULARTE, PATRÍCIA
FELIX LOBO, ROBERTA FONSECA BRUM CARDOSO²; ÉDIO RANIERE³

¹Universidade Federal de Pelotas – jessicagriep@hotmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – marthagoularte@gmail.com, patyfelix.psi@hotmail.com,
robertabrummc@gmail.com 2

³ Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho contempla os estudos voltados a Psicologia, referentes a fenomenologia, e mais especificamente ao psicodiagnóstico. Propiciando os conhecimentos necessários, o trabalho se propõe a um ensaio de psicodiagnóstico, utilizando-se da literatura.

Este estudo diagnóstico busca fundamentação na obra de Monique Augras – “O ser da compreensão: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico” – onde se procura ultrapassar a abordagem tradicional existente em processos psicodiagnósticos.

Com base nisso e para melhor conhecer nosso “paciente”, iremos pensar de uma forma existencial, mostrando que angustia e conflitos são situações que representam a nossa forma de existir.

Dessa forma, não iremos enquadrar nosso paciente em nenhuma classificação nosológica, mas procurar compreender os fenômenos que emergem em sua relação com a existência.

O trabalho está estruturado de acordo com a proposta de Monique Augras, já citada anteriormente. Cujo método de investigação é pautado por quatro grandes eixos existenciais: Tempo, Espaço, O Outro e Obra.

2. METODOLOGIA

Com base no que foi proposto para este estudo, a obra literária de escolha foi “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa, que faz parte do livro Primeiras Estórias de 1962. A Terceira margem do rio é considerado o mais famoso conto de Guimarães Rosa.

O conto provoca as mais diversas interpretações devido ao seu teor enigmático, presente na história de um homem que se afasta do convívio familiar

e social, preferindo a solidão de um rio. Relata a história de uma família, cuja composição é um homem, sua esposa, dois filhos e uma filha. A história é narrada por um dos filhos. O narrador-personagem, será nosso paciente.

Para realização do psicodiagnóstico, foi feita a análise do conto e das questões que envolveram a trajetória de nosso paciente, de acordo com os temas que nos trazem as reflexões teóricas de Monique Augras (1978).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar brevemente os caminhos que transpassam a vida do nosso paciente, com base na literatura vista. Podemos aqui, ver um misto de reflexões acerca da existência humana, bem como estranheza de uma fuga da morte.

Nosso paciente, ao passo que reflete sobre o sentido da vida, a partir da experiência que passa a ter com o pai, se aprofunda totalmente no cotidiano de uma busca, que ao mesmo tempo que lhe angustia lhe traz um alívio que vem dos resquícios da esperança do retorno do pai. Como se suas atitudes, e cuidados para com o pai, pudessem fazê-lo voltar.

Passa também com essa vivência toda acerca da vida do pai, a esquecer-se de si mesmo, tornando-se pouco autêntico no decorrer de sua própria história. Quanto a isso, temos:

A maneira de evitar a angustia é mergulhar num cotidiano habitual que afaste o homem da autenticidade de sua existência e o coloque na impessoalidade neutra de uma existência nivelada pela mediocridade. É o que Heidegger chama de inautenticidade. Nesse modo de existir, o homem não assume a sua condição e vive como alheio a si próprio, razão pela qual esse estado se denomina queda. (Abrão 1999, p.455)

Ficando a quem de sua própria vida, e de suas próprias vontades mergulha nesse cotidiano habitual, afim de minimizar suas angústias. Angústia a qual no fim da vida o toma por completo, pois foi submerso desse cotidiano, quando o pai se volta pra margem do rio, e ele amedrontado foge. Com isso, aquilo que passou a ser sua vida, se quebra. E ele já não estima sentido pra vida. E coloca esse fato com clareza na sua fala que finda dizendo:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo

da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (ROSA, 1962, p. 413)

Após essa análise, ainda é possível explorar questionamentos e vivências de nosso paciente, no que diz respeito a “O Outro e a Obra”. Considerando, que essa análise ainda pode nos levar a muitos vieses, ainda não encontrados até o momento.

4. CONCLUSÕES

O ensaio psicodiagnóstico realizado, nos possibilita o contato com a fenomenologia, e este modo diferenciado de se usar da psicologia. Esta pode ser uma ferramenta bastante importante na questão diagnóstica dentro da psicologia, que visa não patologizar quem busca esse atendimento. Mas sim buscando compreender as vivências de cada indivíduo afim de ajudar nas questões que lhes atravessam, sem que para isso precisem ser submetidos a rótulos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, B. S. **História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ROSA, J. G. A terceira margem do rio. In: **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 2v.